

EDUCAÇÃO E PESCA ARTESANAL NA BAÍA DE GUANABARA: O QUE NOS ENSINAM AS COMUNIDADES TRADICIONAIS?

Cesar Bernardo Ferreira

Universidade do Grande Rio Professor José de Souza Herdy (UNIGRANRIO)

cesarbiologo@hotmail.com

Cleonice Puggian

Universidade do Grande Rio Professor José de Souza Herdy (UNIGRANRIO) e

Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)-

cleo.puggian@gmail.com

Resumo:

Este artigo explora as experiências educacionais de pescadores artesanais que atuam na baía de Guanabara. A metodologia do estudo foi qualitativa, de abordagem etnográfica. Os instrumentos para coleta de dados foram a observação participante e a entrevista etnográfica. Os pescadores colaboradores foram selecionados por meio de uma amostragem conhecida como bola de neve, sendo entrevistados primeiramente os líderes de cada colônia, que por sua vez, indicaram outros pescadores artesanais. Procedeu-se a análise do conteúdo destas entrevistas, observando as particularidades da abordagem etnográfica. Resultados apontam que poucos pescadores artesanais completaram a educação básica, mas celebram os conhecimentos ainda cultivados em seu trabalho, famílias e comunidades tradicionais.

Palavras-chave: Pescadores artesanais, Escolarização, Baía de Guanabara.

Introdução

A baía de Guanabara, segunda maior do litoral brasileiro, possui uma hidrologia única, sendo cheia de contrastes. Apesar do intenso processo de metropolização ocorrido ao longo do século XX, várias comunidades tradicionais, em especial aquelas onde vivem pescadores e pescadoras artesanais, continuam resistindo e lutando pelo direito ao território e à vida. A intrínseca relação que as comunidades tradicionais estabelecem com o meio onde vivem contribui diretamente para a preservação da diversidade biológica e cultural do espaço que ocupam (COLAÇO; SPAREMBERGER, 2010). Percebemos por este viés, que as comunidades tradicionais se identificam pela interdependência dos recursos naturais com os quais edificam seu estilo de vida, pautado no conhecimento acerca da complexa relação harmônica que a natureza lhes oferece, e que tal entendimento é passado de geração a geração através das práticas sociais, pelo discernimento territorial em que exploram e vivem socioeconomicamente (DIEGUES, ARRUDA, 2001).

O conhecimento dos povos tradicionais, ou seja, as inovações, práticas individuais e coletivas que de alguma forma estão associados ao uso da diversidade biológica, pautadas em conjunturas culturais que podem ser identificados como pescadores artesanais, caiçaras, indígenas, quilombolas e coletores, estão assegurados pela Lei 9.985 art. 2º, inciso XV (BRASIL, 2000), na seguinte forma:

[...] grupos humanos culturalmente diferenciados, vivendo há, no mínimo, três gerações em um determinado ecossistema, historicamente reproduzindo seu modo de vida, em estreita dependência do meio natural para sua subsistência e utilizando os recursos naturais de forma sustentável.

Segundo as considerações apontadas por Costa (2010) outro ponto importante ao se conceituar comunidades tradicionais, são as questões identitárias, por compreender as formas pelas quais as comunidades se apresentam e se identificam coletivamente, pelas suas peculiaridades e tradições. Tais afirmações identitárias revigoram os vínculos de pertencimento territorial e coletivo, ampliando os laços entre os indivíduos. A identidade permite a condição do sentimento de pertencimento à terra, de territorialidade, de direito ao uso da terra para subsistência e para a manutenção de suas tradições, separando aqueles que não estão inseridos no contexto social de comunidade tradicional, por não se adequarem ao processo de apropriação de tais costumes.

Dentre as várias comunidades tradicionais, destacam-se na baía de Guanabara os pescadores e pescadoras artesanais, que somam mais de três mil trabalhadores (FIPERJ, 2017). Atualmente há carência de políticas públicas para os pescadores artesanais que atuam na baía de Guanabara. Tais políticas se fazem necessárias para que eles tenham acesso aos serviços sociais básicos, como saneamento básico de suas colônias, principalmente quanto à carência de água potável e rede de captação e tratamento de esgotos, coleta do lixo doméstico e serviços de eletricidade, assim como acesso à saúde, educação e lazer. Essas limitações sociais de acesso às políticas públicas básicas, revelam a desconformidade social existente no cotidiano desses profissionais. Para Cardoso (2002), há ainda a dificuldade da venda do pescado, pois muitos pescadores não possuem acesso a um local específico, para oferecer o seu produto, sendo os mesmos considerados “desprotegidos de políticas públicas”, devido ao fato de serem obrigados a participar de uma negociação repleta de atravessadores, o que reflete na perda de rendimento pelo baixo preço do pescado.

As condições socioambientais e econômicas exercem grande pressão no estilo de vida do pescador artesanal, influenciando no seu modo de trabalho, forçando-o a adequar-se à nova condição, resultando em consequências na sua saúde, uma vez que há uma forte relação entre

ambos, pois a vulnerabilidade dessa classe de trabalhadores, mesmo estando eles no mar ou nos manguezais, pois tais locais podem proporcionar riscos ao pescador, devido às exposições naturais, potencializadas pelas péssimas condições ambientais (ROSA; MATTOS, 2010).

Segundo Braga (2001), para a construção de políticas públicas que atendam efetivamente os pescadores e coletores artesanais, fatores como a compreensão da sua cultura, estilo de vida e tradições, devem ser levadas em consideração, pois são parâmetros essenciais na correta condução das ações sociais, devido às dimensões ambientais e às consequências do processo de metropolização, com relação ao planejamento urbano e suas consequências socioambientais, no que diz respeito ao uso e gestão dos recursos naturais renováveis. O entendimento dessas tradições, culturas e estilos de vida nos remete à percepção da realidade ambiental na qual esses trabalhadores estão inseridos. Há a necessidade de se perceber os métodos de construção de políticas públicas para atender eficazmente essas populações, pois existe uma relação intrínseca entre saúde e a atividade laborativa, onde se constrói uma percepção entre o trabalho e o bem-estar do pescador (MACHADO, 2011).

A atividade de pesca artesanal, para muitas famílias, é a única fonte de proteína disponível, principalmente nas regiões onde há pessoas menos favorecidas, como por exemplo, a região dos bairros de Ramos e Caju, que margeiam a baía de Guanabara, onde se localizam as colônias de pescadores Z-11 e Z-12, respectivamente. São locais que possuem infraestrutura precária. Não há saneamento básico deficiente e ainda encontra-se famílias afetadas pela fome e desnutrição. Estas áreas, assim como tantas outras, são marcadas pela falta de emprego e dinheiro, além de serem locais suscetíveis à violência, principalmente pela ação do tráfico de drogas e milícias.

Os profissionais da pesca se deparam com diversos obstáculos para a realização de seu trabalho, dentre eles a baixa renda familiar, decorrente da falta de condições de trabalho e moradia, do acesso às informações, sejam elas cotidianas ou jurídicas que promovem diversos obstáculos para o legítimo exercício da cidadania.

De acordo com Rosa (2010) os pescadores artesanais precisam dedicar a maior parte do tempo à atividade de pesca, passando mais tempo no mar para compensar a baixa renda familiar, o que acarreta em aumento dos riscos à saúde, pois são grandes as variações de temperatura a que são expostos, assim como os acidentes acarretados pela ampliação de suas jornadas de trabalho, inclusive no horário noturno. Há também a dubiedade com relação ao pescado, pois um dia inteiro de trabalho não é sinônimo de êxito na captura do pescado.

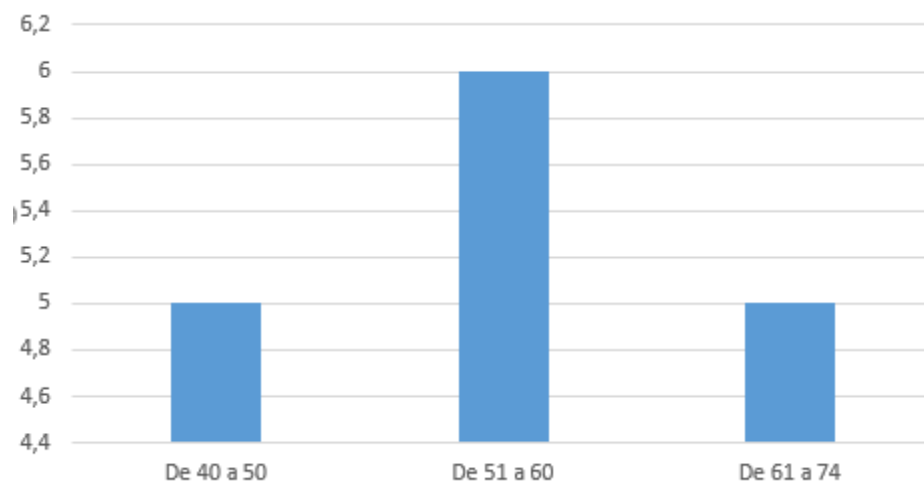
Ao longo da pesquisa realizada em 2017 buscamos conhecer a experiência educacional de pescadores e pescadoras que continuam a atuar em cinco colônias de pesca da baía de Guanabara. Nossa intenção era conhecer, dentro de um contexto de violência e exclusão, quais experiências pedagógicas constituíam suas experiências e memórias. Este estudo se justifica por visibilizar os processos educativos de sujeitos invisibilizados e silenciados por processos de desterritorialização e violação dos direitos humanos. Justifica-se também por disponibilizar informações que podem apoiar outros estudos na área da ecologia política e educação ambiental.

Metodologia

Este artigo é um desdobramento da pesquisa “Pescadores artesanais e violência na baía de Guanabara”, que está sendo desenvolvida no âmbito do Doutorado em Humanidades, Culturas e Artes, da Universidade do Grande Rio. Trata-se de um estudo qualitativo, de inspiração etnográfica, cujos sujeitos são 20 pescadores e pescadoras artesanais ligados à cinco colônias de pesca da baía de Guanabara: Z-8, Z-9, Z-10, Z-11 e Z-12. Dados foram coletados por meio de observações e entrevistas etnográficas, com roteiro semiestruturado, ao longo do ano de 2017. Adotamos dois roteiros de entrevista: um para os líderes comunitários e um para os pescadores indicados (mínimo dois em cada colônia). O roteiro se estruturou a partir de três eixos: o primeiro dedicado à história de vida do pescador, que é a caracterização individual do sujeito, sua experiência como pescador, detalhes familiares, vantagens e desvantagens de ser pescador artesanal na baía de Guanabara; o segundo abordou o trabalho na pesca artesanal da baía de Guanabara; e o terceiro eixo relacionou-se aos conflitos ambientais e à violência envolvendo os pescadores, explorando os maiores problemas que o pescador enfrenta na realização do seu trabalho, medos, confrontos com a indústria petroquímica e tipos de violência já sofridas. Todos os colaboradores alfabetizados assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, no qual foram apresentadas as condições de participação voluntária na pesquisa e anonimato. Para os analfabetos apresentamos verbalmente todo o processo da pesquisa, solicitando aprovação oral, que foi gravada em áudio. As análises foram conduzidas por meio de um processo de tematização, que apoiaram a construção de argumentos explicativos. A pesquisa teve como sujeitos 16 pescadores pertencentes às 5 colônias de pescadores artesanais da baía de Guanabara. As entrevistas aconteceram nas próprias colônias de pescadores entre os períodos compreendidos entre os meses de outubro de 2017, quando o projeto foi aprovado pelo comitê de ética, a dezembro de 2017. A idade dos participantes do estudo variou

entre 42 e 74 anos, assim como, o tempo de profissão como pescador, que variou entre 17 e 62 anos de atividade.

Gráfico 1: Faixa etária dos pescadores participantes da pesquisa.



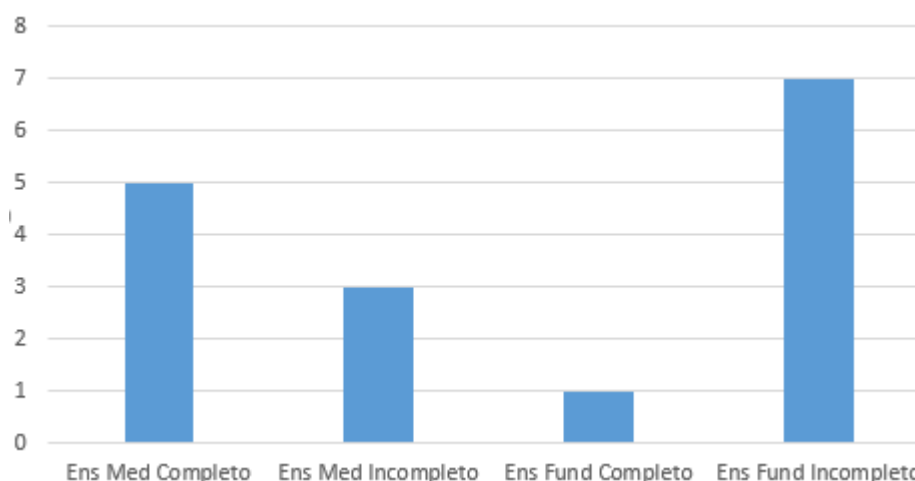
Alguns pescadores afirmam que a sua renda familiar varia entre um salário mínimo a R\$ 2.000,00 por mês por família, dependendo da estação do ano, condições climáticas e da sorte na pesca. Eles atribuem os baixos salários à falta de escolaridade, pois, na época em que estavam em idade escolar, muitos acompanharam seus pais durante à pesca, deixando de frequentar as aulas.

(Pescador Figueiredo) Eu escolhi ser pescador, porque eu trabalho com obra também, pintura e trabalho com estamparia, então quando está ruim no mar, aqui em Mauá é assim, tá ruim na água você tem que fazer outra coisa. A gente não tem um grau de estudo, então, na falta do peixe, a gente cai para dentro da obra. Entendeu? Eu fui nessa leva, optei por isso.

Resultados e discussão

Quanto à escolarização, percebemos que os pescadores entrevistados, possuíam experiências diversas, indo desde o ensino fundamental incompleto até o ensino médio completo.

Gráfico 2 - Nível de escolarização dos pescadores entrevistados.



Apesar das dificuldades relacionadas à pouca escolarização, alguns pescadores demonstram que a ausência de um diploma não é sinônimo de ignorância. Relatam que em relação à reivindicação dos seus direitos, como no caso da aposentadoria, estão bem informados e sabem se pronunciar.

(Pescador Antônio) Eu, quando vou no INSS, sempre procuro falar baixinho, procuro ser educado, eles não acreditam que eu sou pescador, eu procuro mostrar para eles que nem todos são iguais. No outro dia falaram até da minha assinatura. Falaram: pescador com uma letra dessas? Eu disse: O que tem a ver minha letra com eu ser pescador? Porque, pescador é o que? É burro é bandido? Falei! Aí, o rapaz falou: Você está me agredindo! Eu disse: Não, você que está me agredindo! Você quer dizer que eu não sou pescador? Meus documentos estão todos aqui e eu nunca trabalhei de carteira assinada! Eu sou pescador desde criança! O cara implicou com a minha assinatura! É ridículo! Eles estão acostumados a receber o pescador e a maioria, realmente, não tem nem o primeiro grau e não tem estudo nenhum... Eu não tenho estudo nenhum, mas gosto muito de ler! Eu posso não ter estudo, mas não sou burro, o que é ser burro?

Outro pescador diz que, apesar de se considerar “semianalfabeto”, não é “burro”, pois sabe, dentre diversas coisas, construir barcos, aplicar a matemática corretamente, dentre outros atributos.

(Pescador Jacemir) E, hoje em dia para se aposentar é sessenta anos de idade, quinze de contribuição na colônia... É uma burocracia tremenda! Você sabe que a maioria dos pescadores são analfabetos, mas eles não são burros! Ele é analfabeto, mas ele não é burro, ele é inteligente, ele faz uma rede, entendeu? Ele faz um barco. Ele não teve escolaridade, mas ele não é burro! Para você tirar um documento, eu tive que falar para o cara assim: Amigo, eu sou semianalfabeto, mal

sei escrever meu nome. Eu sei fazer uma conta, eu sei... Entendeu? Eu estudei até a quarta série, mas não sou burro.

Para outro pescador, a falta de escolarização nunca foi problema. Disse que nunca gostou de estudar e conseguiu conciliar a pesca artesanal com outras profissões ao longo de sua vida.

(Pescador Ricardo) Nunca gostei de estudar (*risos*) fiz o curso de mergulho na marinha do Brasil, curso de empilhador, de motorista, estudo mesmo somente o científico. Fiz o artigo 91 em um ano, para fazer inspeção visual e fotografia tinha que ter o art. 91. Mas eu nunca abandonei a pesca. Tornei-me pescador quando ainda garoto, vivia na beira da praia, e foi quando o esposo da prima da minha mãe que era pescador, muito chegado a nossa família e fui um dos primeiros garotos a pescar camarão aqui dentro. Tomei gosto pela pesca e mesmo depois de aposentar, continuo pescando. Comecei a pescar com 10 anos de idade.

Quando perguntados sobre o que é educação, as respostas foram bastante diversificadas. Sr. Paulo define educação como sendo o conhecimento acumulado durante a vivência, a experiência obtida no cotidiano e com os mais anciãos, uma visão marcada pela cultura caiçara. Diz que nas escolas de hoje já não se aprende os valores de antigamente.

(Pescador Paulo) No colégio você só aprende a ler e a escrever, só isso. Mas educação vem dos idosos, dos meus avós. Quando tem três ou quatro idosos conversando, eu me aproximo... Os sábios da vida, são os idosos. Procurar o que mais? No colégio hoje, você só aprende sobre sexo, como se fuma, como se cheira... Não é mais aquele estudo de antigamente! Continuarei lhe dizendo: Sobrevivência da vida!

Todavia, observa-se nas falas de alguns pescadores, a preocupação com os estudos dos seus filhos, pois ainda que não tenha tido a oportunidade de adquirirem uma escolarização satisfatória para conquistar um salário melhor, muitos esforçam-se para proporcionar uma boa formação escolar para os seus filhos.

(Pescador Antônio) Então, se o pescador depender da baía de Guanabara para sustentar uma família hoje, ele não sustenta nem ele próprio! Assim, eu falo, se você for pegar um peixe para comer você pega, mas para se manter, roupa, pagar estudo... Eu acho que ainda consegui sobreviver por que eu consegui comprar um barquinho, fiz minha própria rede... [...] Um cara que tem família, que tem uma filha que estuda, que faz curso, entendeu? Você tem que ter uma internet em casa, pagar conta de luz, de água, de telefone, compras de mês... Não vai sobreviver, da pesca daqui da baía você não sobrevive.

Por outro lado, existem aqueles pescadores que, mesmo com todas as dificuldades características da profissão, acabam por conseguir concluir um ensino técnico, porém, vale ressaltar que esses pescadores não abandonam a pesca. Eles continuam paralelamente com o trabalho de pescador artesanal, fazendo parte das colônias.

(Pescador Francisco) em 1983 eu vim trabalhar aqui, que meu pai me trouxe, foi quando eu terminei o segundo grau, fiz uma, um curso de enfermagem, aí eu vim pra cá, comecei a trabalhar aqui, quando você termina o segundo grau, você quer logo começar a trabalhar, e comecei a trabalhar como secretária, lá no final... Estou aqui até hoje...

Conclusões

Através desta pesquisa percebemos a pluralidade de visão que os pescadores artesanais possuem sobre o processo de escolarização, que na maioria dos casos lhes foi negado. Destaca-se nas narrativas que os saberes empíricos das comunidades tradicionais devem ser considerados, pois fazem parte das suas tradições, culturas e estilos de vida, perfazendo assim, uma característica identitária única.

De forma geral, os pescadores artesanais atribuem sua baixa escolaridade à necessidade de trabalhar cedo para garantir o sustento da família. Também destacam que as características da profissão, que exige que eles tenham que se ausentar por vários dias, devido aos deslocamentos dentro da baía de Guanabara, lhes impede de ter uma boa frequência à escola.

Os pescadores artesanais também tiveram que aprender a profissão de pescador desde muito novos como membros de comunidades tradicionais, cuja atividade laboral gira em torno do ambiente marinho da baía de Guanabara.

Apesar da pouca escolarização, os pescadores demonstram um amplo entendimento do mundo que os cerca, dos seus direitos constitucionais, além de ricas experiências de vida.

Agradecimentos

Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

Referências

- ALTMAYER, F. L. **Pescadores artesanais do estuário da Lagoa dos Patos-RS: uma análise de sua percepção do meio natural como subsídio para um projeto de educação ambiental.** 1999. Tese de Doutorado. Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental.
- BRAGA, T. M. **Belo Horizonte: Desafios Da Dimensão Ambiental Nas Políticas Urbanas.** Tese (Doutorado em Economia). Campinas: UNICAMP, 2001.
- BRASIL. **Lei Nº 9.985, de 18 de julho de 2000.** Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. (SNUC). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9985.htm. Acesso em: 13 mar. 2017
- CARDOSO, T. A. **Estudos etnoecológicos em comunidades de pescadores de manjuba no Parque Estadual da Ilha do Cardoso, SP.** 2002. 47f. Monografia (Graduação em Ecologia e Recursos Naturais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP.
- COLAÇO, T. L.; SPAREMBERGER, R. F. L. **Sociedade da informação: comunidades tradicionais, identidade cultural e inclusão tecnológica.** *Revista de Direito Econômico e Socioambiental*, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 207-230, jan./jun. 2010.
- COSTA, C. **Sociologia: introdução à ciência da sociedade.** São Paulo: Moderna, 2010.
- DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. (Org.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2001.
- Fundação Instituto de Pesca do Estado do Rio de Janeiro (FIPERJ). **Relatório Anual.** Rio de Janeiro: FIPERJ, 2017. Disponível em: www.fiperj.rj.gov.br/index.php/arquivo/download/192 Acesso em 15 dez. 2017.
- GARCEZ, D. S.; BOTERO, J. I. S. **Comunidades de pescadores artesanais no estado do Rio Grande do Sul, Brasil.** *Atlântica (Rio Grande)*, v. 27, n. 1, p. 17-29, 2005.
- GARCIA, N. M. **Educação nas famílias de pescadores artesanais: transmissão geracional e processos de resiliência.** 2007. Dissertação de Mestrado.
- MACHADO, J. M. H. A. **Perspectivas e pressupostos da Vigilância em Saúde do Trabalhador no Brasil.** In. GOMEZ, C. M.; MACHADO, J. M. H.; PENA, P. G. L. A saúde do trabalhador na sociedade brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011. p. 67-85.
- MEDEIROS, R. P. et al. Diagnóstico sócio-econômico e cultural nas comunidades pesqueiras artesanais do litoral centro-norte do estado de Santa Catarina. **Brazilian Journal of Aquatic Science and Technology**, v. 1, n. 1, p. 33-42, 2006.



PEREIRA, M. O. R. **Educação ambiental com pescadores artesanais: um convite à participação.** *Práxis Educativa* (Brasil), v. 3, n. 1, 2008.

ROSA, M. F. M.; MATTOS, U. A. O. A saúde e os riscos dos pescadores e catadores de caranguejo da Baía de Guanabara. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, p. 1543-1552, 2010.